

TARRYN FISHER

Autora best-seller do The New York Times

*Algumas vezes,
o seu pior inimigo
será você.*

*Outras, alguém
para quem você
abriu o coração.*

F*CK Love

LOUCO AMOR

TARRYN FISHER

F*CK
Love

Tradução: Fábio Alberti

 FARO
EDITORIAL



F*CK Love





CAPÍTULO 1

#masquediabo

– É COMIGO QUE VOCÊ DEVERIA ESTAR.

O que ele quer dizer com isso? Fico espantada ao ouvir essas palavras, e a princípio chego a pensar que não ouvi bem. Ele está inclinado sobre a mesa enquanto nossos parceiros esperam a nossa comida na fila a poucos metros de nós.

— Você e eu — ele diz. — Não nós e eles.

Olho para ele e hesito, ainda sem saber ao certo do que se trata, até que percebo que está brincando. Solto uma risada e volto a ler a minha revista. Na verdade, é uma revista de palavras cruzadas. Eu adoro essas coisas.

— Helena...

Não o encaro de imediato. Tenho medo. Se eu levantar a cabeça e constatar que ele não está de brincadeira, tudo vai mudar.

— Helena. — Ele toca a minha mão, mas eu fujo do contato recuando bruscamente, e acabo arrastando a cadeira para trás, que range causando um barulho horrível. Isso chama a atenção de Neil, que olha ao redor. Finjo que deixei cair alguma coisa e me abaixo para observar por debaixo da mesa. Além dos nossos sapatos e pernas, encontro sob a mesa um lápis de cor azul próximo ao meu pé; eu o apanho do chão e volto a me erguer.

Neil está no balcão do restaurante, fazendo o pedido, enquanto o namorado da minha melhor amiga aguarda a minha resposta, com uma expressão aflita nos olhos.

— Você andou bebendo? — sussurro com irritação. — Que porra é essa?

— Não — ele diz. Mas não parece muito seguro do que afirma. Pela primeira vez, noto sua barba por fazer. A pele em torno dos seus olhos

está amarelada. Será que ele está passando por alguma situação difícil? A vida, às vezes, pode ser mesmo uma merda.

— Se isso for algum tipo de brincadeira, você está me deixando constrangida de verdade — aviso. — Della está bem ali. O que você pensa que está fazendo?

— Eu só tenho dez minutos, Helena. — Os olhos dele se voltam para o lápis azul que repousa sobre a mesa, entre as nossas mãos.

— Dez minutos para quê? Por que você está suando tanto? — pergunto. — Que coisa estranha. O que você tomou? Que tipo de droga faz uma pessoa suar assim? Crack? Heroína?

Estou ansiosa para que Neil e Della retornem. Quero que tudo volte ao normal. Olho a minha volta para ver onde eles estão.

— Helena...

— Pare de repetir o meu nome desse jeito — peço com voz trêmula. Começo a me levantar, mas ele pega o lápis e agarra a minha mão.

— Eu não tenho muito tempo. Vou mostrar a você.

Ele parece bastante tranquilo sentado diante de mim, mas seus olhos me lembram os de um animal acuado: assustados, aterrorizados, brilhantes. Nunca vi esse olhar no rosto dele, mas isso não significa muita coisa, já que Della e ele estão namorando há apenas poucos meses. A verdade é que eu não conheço esse cara. E se for um viciado em drogas? Ele vira a palma da minha mão para cima, e eu deixo que ele o faça. Não sei por que, mas desta vez eu não recuo.

Ele coloca o lápis na minha mão e fecha os meus dedos em torno do objeto.

— Você precisa dizer isso em voz alta — ele pede. — Tem que dizer: “Mostre-me, Kit”. Diga isso, Helena, por favor. Tenho medo do que possa acontecer se você não fizer o que peço.

Há tanta aflição nos olhos dele que acabo cedendo.

— Mostre-me, Kit — eu digo. — Eu deveria saber o que é isso?

— Ninguém deveria — ele responde. E então a escuridão toma conta de tudo.

KIT ESTÁ AO MEU LADO QUANDO ACORDO. MINHA CABEÇA DÓI e minha língua está grudada no céu da boca. Acho que desmaiei. Isso nunca aconteceu comigo antes. Sento-me, mas me dou conta de que não estou no chão da lanchonete Bread Company, e sim acomodada em um sofá que eu não reconheço. É um sofá lindíssimo, do tipo que a gente vê nos catálogos da Pottery Barn. Cinco quaquilhões de dólares da mais fina camurça. Eu raspo as unhas nele, e depois cheiro os dedos. *Camurça.*

— Neil? — chamo, olhando ao meu redor. Será que me trouxeram para o escritório da gerência? Que coisa constrangedora. Mas esse sofá não é sofisticado demais para o escritório de uma lanchonete? — Kit, o que aconteceu? Onde está o Neil?

— Ele não está aqui.

Levanto tão rapidamente que meu movimento me causa vertigem. Eu desmorono de volta no sofá, e enfio a cabeça entre os joelhos.

— Vá buscar o Neil, por favor. — Minha voz soa anasalada. Olho para cima e noto que Kit continua na minha frente. Ele não demonstra nenhuma intenção de atender ao meu pedido. Apenas suspira profundamente e se senta ao meu lado.

— Neil está em Barbados, em lua de mel.

— Quer dizer que ele se casou antes mesmo de voltar com a comida para a nossa mesa? — digo com rispidez, irritada. Estou cheia desse jogo. Della só pode ser pirada para continuar com esse cara. O sujeito deve ser drogado, ou maluco, ou as duas coisas.

Kit tosse de modo forçado para limpar a garganta.

— Na verdade, esse é o segundo casamento dele. Ele foi casado com você durante algum tempo.

Eu perco a cabeça e o fuzilo com o olhar. Ele se intimida ao ver minha expressão furiosa.

Uma criança entra correndo na sala e se lança diretamente em meu colo. Eu me encolho. Não gosto de crianças. Elas são bagunceiras, barulhentas e...

A criança me pede um sanduíche.

— Ei, amigão! Vou lhe dar um sanduíche. Mas vamos deixar a mamãe sossegada por um minuto.

MAS O QUE ESTÁ ACONTECENDO, AFINAL?

Levanto do sofá sem saber o que fazer. Kit e a pequena criatura já saíram do cômodo em que eu estou. Posso ouvir as vozes deles, felizes e cheias de excitação. O espaço todo parece ser um showroom de loja chique de decoração. Vejo a cor azul-marinho em toda parte, para onde quer que eu olhe. Molduras azul-marinho nos quadros, tapetes trançados azul-marinho, jardineiras azul-marinho repletas de vistosas samambaias. Caminho até a janela, convencida de que verei o familiar estacionamento da Bread Company. Talvez eles tenham me levado até o Pier One. Em vez disso, o que vejo diante de mim é um lindo jardim, com um imponente carvalho no centro, circundado por pedras brancas.

Ao me afastar da janela, esbarro em alguma coisa. É Kit. Ele segura meus braços para que eu não perca o equilíbrio. Sinto a pele formigar quando ele me toca. Acho que sou alérgica a doidos.

— Onde diabos estou? — pergunto, dando-lhe um empurrão. — O que está acontecendo?

— Você está em sua casa — ele responde. — Rua Sycamore Circle, 214. — Kit faz uma longa pausa antes de concluir: — Port Townsend, Washington.

Solto uma gargalhada. A pessoa que fez isso comigo, seja lá quem for, me pegou direitinho. Passo por Kit e saio correndo pela casa. Uma sala de jantar conduz a uma cozinha grande e arejada. Posso ver água do lado de fora das janelas, que estão salpicadas pela chuva. Enquanto observo a chuva, ouço uma voz fina e doce:

— Que é que você tá *olhando*?

O menino. Ele está sentado à mesa da cozinha, com a boca cheia de pão.

— Quem é você? — pergunto.

— Thomas. — Quando ele me diz seu nome, pedaços de pão voam da sua boca e se espalham pela mesa.

— Thomas de quê? Qual é o seu sobrenome?

— O mesmo sobrenome do papai, mas não o mesmo que o seu — ele responde sem hesitar.

Um calafrio percorre a minha espinha.

— Thomas Finn Browster. E você é Helena Marie Conway. — Ele agita o punho no ar euforicamente.

Browster! Esse é o sobrenome de Neil.

Percebo a presença de Kit atrás de mim, e quando me volto para olhá-lo, ele está encostado à geladeira, com uma expressão séria no rosto.

Ele leva um dedo aos lábios quando percebe que o estou observando, e então se volta para o garoto.

— Você tem mais um — Kit diz.

— Mais um o quê?

— Mais um filho. — Ele se afasta da geladeira e caminha em minha direção. De repente, percebo que há cabelos brancos em suas têmporas e linhas finas em torno dos olhos. Tive a impressão de que não era o mesmo Kit que estava na Bread Company.

Ele me conduz até um quarto e abre a porta. É um quarto de criança. Vejo uma cabeça pequenina coberta com uma penugem preta. Eu olho para o interior do berço, com o coração acelerado.

— Você disse que Neil está em lua de mel, mas ela é uma bebê...

— Ela é nossa filha.

Engulo em seco.

— Sua e minha? De nós dois?

— Sim.

Meu coração está pulando dentro do peito. Parece que vai sair pela boca a qualquer momento.

— Você é um viajante do tempo?

Kit sorri pela primeira vez. Um sorriso largo e fácil se estampa em seu rosto, como se ele estivesse acostumado a sorrir assim. O engraçado é que não consigo me lembrar de já tê-lo visto sorrir. Ele sempre pareceu bem sério, e Della gostava que ele fosse assim.

Della.

— Onde está Della?

Ah, meu Deus. Eu tive um bebê com o namorado da minha melhor amiga. Olho direto para a minha mão, mas não vejo nenhuma aliança no dedo.

Ele se retira do quarto. Olho mais uma vez o bebê antes de ir atrás dele.

Ao sairmos do quarto, Kit fecha a porta atrás de nós.

— Na verdade, não temos muito contato com Della — ele responde.

Isso me deixa muito triste. Della e eu tínhamos uma amizade de mais de dez anos. Kit nota a mágoa em meu rosto e desvia o olhar rapidamente.

— Isso é um sonho — digo. Kit faz que não com a cabeça. Então eu vislumbro a minha imagem refletida no grande e luxuoso espelho atrás dele. Meu cabelo está curto. E com luzes.

— Não, é um pesadelo! — Levanto a mão e toco o cabelo. — Eu pareço uma mãe.

— Você é uma mãe.

Nesse universo paralelo, ou túnel do tempo, ou sonho, eu sou realmente uma mãe. Em minha mente, porém, ainda sou apenas a jovem Helena, sem filhos e sem barriga de grávida. E diante de mim está Kit. O cara que a minha melhor amiga considera a outra metade da sua laranja. Não é possível que eu tenha me sentido atraída por Kit alguma vez na vida. Neste momento, estou olhando para ele, tentando enxergá-lo de uma maneira diferente. Ele não poderia ser menos parecido com Neil. É corpulento, meio desmazelado. Neil raspava os pelos dos braços; os braços de Kit são cobertos de pelos negros. Neil tem olhos castanho-escuros; Kit tem olhos claros. Neil usa lentes de contato; Kit usa óculos. Della e eu sempre tivemos gostos bem diferentes no que diz respeito a homens, o que era bastante conveniente. Assim não corríamos risco de as duas se interessarem pelo mesmo homem.

— Onde ela está? — pergunto.

— Della ainda está na Flórida. Nós nos mudamos para cá há dois anos. — Kit pega na minha mão. — Vou lhe mostrar uma coisa.

Isso parece tão errado. Nossos dedos não formam um conjunto harmonioso. As mãos dele são pesadas e seus dedos são volumosos. Minha mão parece não combinar com a dele. Della sempre dizia que mãos devem se encaixar como peças de quebra-cabeça. As mãos dela e de Kit combinavam de maneira perfeita. Ela me disse isso!

De súbito, o menininho aparece, vindo da cozinha. Kit solta a minha mão para pegar o menino nos braços alegremente.

Os dois parecem se dar muito bem, considerando que ele não é o pai do garoto. Neil é o pai. Aliás, onde mesmo está Neil? E o que será que aconteceu entre nós?

— O que aconteceu com Neil? Por que não estamos juntos?
Kit olha para o pequenino (qual é mesmo o nome dele? Tim? Tom?) e o coloca no chão.

— Vá escolher um filme, rapazinho. Daqui a pouco eu me junto a você, está bem?

Parece ser um menino obediente, pois concorda com a cabeça sem argumentar e sai correndo, batendo os pés descalços no chão de madeira.

— Neil a traiu, Helena — ele diz. — Mas a coisa não é tão simples assim. Você não ficou furiosa com ele. Você compreendeu.

Sinto o rubor tomar conta do meu rosto. Neil me traiu com outra mulher? Ele não era esse tipo de homem, ele venerava o chão que eu pisava.

— Ele jamais faria isso — respondo.

— As pessoas são assim — Kit comenta, dando de ombros. — As coisas mudam.

— Não. Viver assim, cercada de luxo... Eu nunca quis isso.

— Como eu disse, a questão não é tão simples. Ele teve os seus... motivos.

Antes que eu pudesse perguntar quais foram esses motivos, ouço o bebê começar a chorar. Kit olha para a porta e depois para mim.

— Ela quer você, só isso. Os dentes dela estão nascendo. Se eu entrar no quarto e pegá-la, ela vai se angustiar e chorar mais ainda.

— Mas eu nem gosto de bebês!

Ele segura os meus braços e gira meu corpo até que eu fique de frente para a porta do quarto da criança.

— Deste você gosta — ele diz, dando-me um pequeno empurrão.

— Qual é o nome dela? — pergunto, contrariada, antes de abrir a porta.

Ele hesita, meio sem jeito. Por alguma razão que desconheço, sinto um frio no estômago.

— Brandi.

Olho para ele com expressão indignada.

— Como a bebida, você quer dizer?

Ele tenta se conter, mas não consegue, e subitamente eu o vejo abrir um sorriso mais uma vez.

— Era o que você estava bebendo na noite em que engravidou.

— Ah, Deus — digo, abrindo a porta. — Isso não poderia ser mais clichê.

Brandi está sentada em seu berço, berrando. Ela levanta os braços no instante em que me vê. Nunca, em toda a minha vida, um bebê estendeu os braços para mim. Eles gostam de mim ainda menos do que eu gosto deles.

Eu a pego no colo e ela logo para de chorar. Ela é pequena. Delicada. E tem tanto cabelo que mais parece um leãozinho. Se eu gostasse de bebês, provavelmente acharia esta uma fofura. Levo a bebê até o... pai dela.

— Tome — digo, fazendo menção de passar a bebê para Kit. Mas ele recusa e balança a cabeça negativamente.

— Segure-a você.

Continuo carregando-a nos braços, rígida, enquanto caminhamos na direção do que parece ser uma outra sala de estar. É tão luxuosa quanto a primeira, só que mais ao estilo infantil. Santo Deus. Se isso estiver acontecendo de verdade, o que foi que houve comigo? Eu não gosto dessas merdas. Meu apartamento parecia um brechó abandonado.

— Por que tudo está desse jeito? — pergunto.

— Desse jeito como?

— Como se eu não tivesse personalidade.

Kit se mostra surpreso.

— Não sei, Helena. As coisas estão do modo como você gosta. Nunca pensei nisso antes.

— Há quanto tempo nós estamos juntos?

Os cantos de sua boca tremem de leve, em sinal de hesitação, e antes que ele diga alguma coisa eu já sei que vai mentir.

— Faz alguns anos.

— E nós nos amamos?

Ele para de vasculhar uma gaveta e olha para mim.

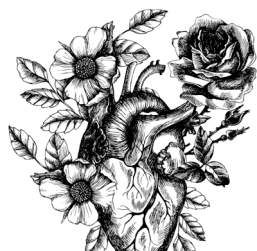
— Sabe essa mistura de sentimentos que você está experimentando agora? A perplexidade, o medo, o fascínio?

Faço que sim com a cabeça.

— Pois é isso que eu sinto todos os dias. Porque nunca amei ninguém como amo você.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM JUNHO DE 2017